

SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

Arnaldo Risman¹

SEXUALITY AND MATURITY

Resumo: O presente artigo esclarece fatores culturais, sociais, psicológicos e biológicos do exercício da sexualidade humana e suas possíveis mudanças no processo da maturidade do ser humano. O ciclo de resposta sexual funcionou como um guia de referencia para poder descobrir alguns fatores que devem ou não levar o sujeito a construir inadequações sexuais no processo do envelhecimento. Objetivou-se um entendimento sobre a segunda idade e sua importância na construção da vida afetiva sexual.

Palavras-chave: Sexualidade. Maturidade. Envelhecimento. Segunda idade.

Abstract: This article clarifies: cultural, social, psychological and biological factors of human sexuality exercise and its possible changes in the process of human being maturity. The sexual answering cycle as a reference guide, in order to discover some factors that should, or not, lead the individual to build sexual gaps in the process of aging and also building an understanding of the second age and its importance in building his or her sexual love life.

Keywords: Sexuality. Maturity. Old age. Second age.

Introdução

Envelhecer é uma arte em construção. Esta arte não tem um fim, pois exige uma postura de vida. O ser humano não possui um diagrama concretizado para o processo de saúde e prevenção, mas somente um olhar comum que enxerga num espelho tradicional da cultura e sociedade em que vive.

A sexualidade é um tema de difícil compreensão entre os seres humanos. A dificuldade vem sendo trazida pela cultura milenar, acompanhada por seus mistérios, segredos, mitos e tabus. Muitos são os motivos dessa dificuldade, entre eles o mito de que, ao entrar no processo de maturidade ou do envelhecimento, o ser humano só vai perdendo o poder de manter uma vida

¹ Psicólogo, Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Regional de Psicologia/RJ, Mestre em Sexologia e pós-graduado em Sexualidade Humana pela Universidade Gama Filho (UGF), membro pesquisador do Centro de Pesquisa do Comportamento e Sexualidade, Cepcos/SP, membro do Comitê de Ética em Pesquisa, Coordenador da Pesquisa Pedofilia: em defesa de um corpo em desenvolvimento e Coordenado do Laboratório de Violência e Gênero e Professor da Universidade Severino Sombra, USS/Vassouras. e-mail: arnaldo_risman@hotmail.com

afetiva sexual e, com esta visão muitos adotam a postura onde a cultura em geral reforça: o silêncio do desejo.

O “não dito” ou, popularmente, o não verbalizado, produz um silêncio interno com sentimento de ausência, em que o sujeito começa a produzir pensamentos solitários que fazem com que o seu lado saudável se torne uma grande armadilha para quedas significativas em sua qualidade de vida.

O silêncio apresenta resultados no campo da sexualidade humana, no exercício do prazer a dois, prejudicando a vida afetivo/sexual por não conseguir direcionar suas dúvidas relacionadas à sexualidade e, assim, fica o sujeito amarrado na cultura da “assexualidade humana” e, conseqüentemente, da infelicidade.

Neste artigo daremos explicações e pretendemos ajudar ao “não dito” abrir suas janelas e deixar o sol dar vida em seu corpo vivo de sentimentos até então escondidos.

A verdade de um ser desejante e desejado

Nascemos para viver e desejar. O corpo é o que mais busca este objetivo e, assim, precisamos nos permitir deixá-lo experimentar, com a devida responsabilidade, o sabor do prazer.

O caminho do prazer é aprendido, cultivado, construído, alimentado e semeado, como se fosse o conto de fadas de “João e Maria” o menino, para não se perder em sua trajetória, deixa no caminho migalhas de pão e sementes, mas os pássaros, com sabedoria, começam a se alimentar daqueles pequenos e saborosos petiscos e, assim, os irmãos acabam se perdendo na floresta.

Somos “João e Maria” e acreditamos inicialmente que, em nossa caminhada da vida afetiva sexual não teremos problemas. Afirmamos muitas vezes que sabemos de tudo e que deixamos marcas pelo caminho para um dia voltar quando for a “hora certa”. No entanto podemos nos perder frente à incorreta orientação.

Mais uma vez lembro-me da letra da música do cantor e autor Geraldo Vandré “Pra não dizer que não falei das flores” e do trecho famoso: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer” do autor Geraldo Vandré. É uma grande verdade. Mas temos muito medo de arriscar e, assim, possuir a responsabilidade de nossas ações ditas desviantes da norma social e cultural.

A sexualidade e o seu exercício transmite esta insegurança, pois não sabemos onde vamos parar e por este motivo, várias vezes, por medo, não conseguimos nem semear o futuro de nossa afetividade.

Mas onde poderíamos parar num processo de amadurecimento sexual? Onde poderia dar errado se estamos maduros para tal ato? O afeto é tão difícil de ser vivido? O exercício da sexualidade dá medo de quê?

Diante do amadurecimento, aprendemos muito, mas deixamos de lado aprendizados significativos para a continuidade do desejo de cada um de nós por sermos moralmente fieis a mitos e tabus fortes da sexualidade sejam eles, por exemplo, voltados ao masculino, o medo de não falhar; seja no feminino, corpo e beleza, prioritariamente.

Mitos que prejudicam a vida de um sujeito depois de alguns anos de vida, pois todos nós somos mutáveis psicologicamente e corporalmente diante do tempo. Ressalte-se que mudanças não são negativas, desde que nos permitimos aprender com cada uma delas, encarando-as como mudanças naturais da vida.

Algum ser humano pode reclamar da mudança de um corpo de criança para um de adulto quando aprendemos que esta transformação está voltada também para o exercício do prazer e orgasmo?

Claro que estou falando dos humanos que gostam de sentir prazer com seu corpo e também oferecer ou ser um “colaborador” do prazer do outro.

Somos desejáveis, desejantes e precisamos aprender algumas possibilidades que podem ocorrer durante a segunda idade. O termo “segunda idade” foi utilizado pela primeira vez pela equipe do Cepsos/SP (Centro de Estudo do Comportamento e Sexualidade/ SP) no Congresso Latino-americano de Medicina Sexual na Argentina em 2011, no Simpósio intitulado “Sexualidade, Envelhecimento e Segunda Idade”.

Aprendendo na segunda idade

“Segunda idade” de acordo com o Cepsos (2011) compreende a idade de 35 a 59 anos. Nesse período, o ser humano reavalia seus objetivos de vida e cria novos desafios para a vida que segue com a maturidade e o aprendizado. No campo da sexualidade humana e, em seu exercício algumas práticas se modificam, sendo inevitável o decréscimo do ritmo sexual comparando-se à etapa anterior. No entanto, a sociedade nos impõe uma postura condicionada que acaba prejudicando o exercício natural e aprendido durante nossas experiências. Sobre esta forma de verificar a manifestação da sexualidade como uma conduta condicionada a um determinado papel, Vasconcelos (1994, p.48) salienta que a sociedade, por via de sua postura rígida, reforça

que só há uma forma de desenvolver a sexualidade e que esta forma está condicionada a uma fase da vida, o que prova a ignorância existencial diante das estações do desenvolvimento da existência. Ignora-se que a sexualidade madura tem seu ritmo próprio e sua manifestação peculiar e que esse fruto está ali para ser colhido e saboreado em sua doçura.

O sujeito precisa, então e necessariamente, se questionar e sair do condicionamento para verificar a sua própria sexualidade: corpo, reações corporais aos estímulos do toque, do cheiro, da pele entre outras formas de descobertas que são aprendidas durante a vida. Aos poucos, as mudanças vão aparecer de forma que, se não houver a abertura de conceitos, poderemos ficar restritos a boas lembranças do passado e deixar de viver as sensações boas que o corpo pode ainda nos oferecer.

Entretanto, vivemos frente às cobranças sociais: Quando casa? Quantos filhos terão? Já possui segurança no trabalho? Todas as cobranças sociais permanecerão, mas é interessante notar que a cobrança da permanência saudável da sexualidade, essa não será mais cobrada. Por isso, na segunda idade que devemos rever e reavaliar o nosso aprendizado básico de mudanças que acontece com a nossa sexualidade.

Fatores orgânicos e psicológicos importantes para a sexualidade

A falta de informação sobre o processo do amadurecimento, assim como das mudanças na sexualidade, em diferentes faixas etárias, tem auxiliado na manutenção de preconceitos e, conseqüentemente, na estagnação das atividades sexuais das pessoas. Taborda (1984, p.91) afirma que a plena e pura ignorância sobre as mudanças do corpo nas etapas da vida causam disfunção sexual e o indivíduo entra em ansiedade por julgar ruim seu desempenho, reforçando, assim, todos os preconceitos culturais.

Muitas pessoas, pela formação reprimida que tiveram, possuem uma dificuldade em falar sobre sexo, dificultando o esclarecimento de suas dificuldades nesta área. Por isso, é comum em consultório, homens e mulheres aparecerem com dúvidas básicas relacionadas ao exercício da sexualidade seja voltado a questões emocionais e/ou orgânicas.

Ressaltamos um importante estudo da década de 60, realizado nos EUA pelos pesquisadores Masters e Johnson, que demonstraram a existência de um ciclo de resposta sexual em que homem e mulher passam desde o início do encontro sexual até o orgasmo, e que, neste ciclo as modificações não são negativas no período do amadurecimento.

Na segunda idade este ciclo vai se modificando lentamente de forma que a quantidade passa para a qualidade da relação sexual do casal. Neste momento, em que o sujeito verifica esta mudança, se faz necessário um aprendizado anterior para que não crie conflitos em sua relação afetiva. De outra forma, torna-se um momento delicado para os que são desinformados em relação à sexualidade humana.

Master e Johnson (1981, p 53) ao verificarem o comportamento sexual, constataram a existência de um ciclo de resposta sexual. De acordo com os pesquisadores, o ciclo divide-se em: (1) fase da excitação; (2) fase do platô; (3) fase do orgasmo; (4) fase da resolução.

A primeira fase é a excitação, que se inicia através de estímulos que podem ser visuais ou psicológicos. A partir desses estímulos, sendo eles adequados às necessidades individuais, a intensidade da resposta aumenta e prolonga-se. Após a excitação, ambos entram na fase do platô, em que as tensões sexuais aumentam de intensidade. A duração desta fase irá depender da eficácia dos estímulos empregados nas necessidades individuais para que, assim, possa ou não ocorrer o prolongamento deste período. Ao acumularem uma grande carga de tensões sexuais, o casal atinge o orgasmo e assim acontece a última fase que é a da resolução, em que ambos relaxam.

Não podemos afirmar de forma concreta que o orgasmo masculino e feminino ocorra no mesmo momento, pois, cada ser humano possui seu ritmo e esta característica é importante salientar. Muitos problemas de casais surgiram por acreditar e, também impor, o orgasmo no mesmo momento. As fantasias e formas de prazer são importantes de serem respeitadas na intimidade de cada casal e, assim, respeitar a singularidade. Importante também comentar que, mesmo que o ciclo seja demonstrado de forma bem didática, deve-se estar atento, pois este poderá sofrer modificações de indivíduo para indivíduo, em termos de tempo, disposição, educação, informação e um fator primordial que é o desejo de estar com o (a) parceiro (a).

A questão do desejo sexual é igualmente importante para a compreensão da sexualidade valorizada por Kaplan (1983, p 76), que, em sua teoria, inclui esta fase no ciclo sexual. Sendo assim, para a autora, o ciclo divide-se em: (1) fase do desejo; (2) fase da excitação; (3) fase do orgasmo.

Nas ultimas décadas Basson (2000, p 56) reavalia o desejo sexual feminino e descreve a modificação do ciclo sexual feminino que se transforma de acordo com o tempo de uma relação monogâmica ou de longo tempo. No início da relação sexual, o desejo é ativo e, com fantasias e

“carências”, mas no decorrer do tempo a possibilidade da diminuição do desejo sexual acontece nas mulheres diferentemente do homem, pois este possui uma sexualidade mecanizada sem, necessariamente, fatores com admiração entre outras características femininas.

Ciclo de resposta sexual em mulheres na segunda idade (maturidade)

Segundo Masters e Johnson (1981, p 76), as modificações que ocorrem na mulher, no que se refere ao ciclo de resposta sexual, iniciam-se no período da menopausa, pois, nesta fase, ocorre uma diminuição da produção dos hormônios estrogênio e progesterona pelos ovários. Mais adiante, no período pós-menopausa, esta diminuição de hormônios poderá acarretar uma demora na lubrificação vaginal na fase da excitação, provocando dores (dispareunia) em algumas mulheres na hora da penetração. No entanto, Kolodny, Masters e Johnson (1982, p 54) salientaram que esta dificuldade de lubrificação poderá aumentar pela falta de atividade sexual, ou seja, se a mulher mantivesse o exercício da sexualidade, o ressecamento vaginal seria menos observado.

Após a fase da excitação, a mulher passa para a fase do platô, na qual irá apresentar mudanças na resposta fisiológica e, em seguida, entrará na fase do orgasmo, percebendo uma diminuição das contrações da plataforma orgástica no terço externo da vagina, sendo esta fase significativamente mais curta do que nas mulheres mais jovens. E, finalmente, após o orgasmo, a mulher chegará à fase da resolução, que também é considerada mais curta em comparação a mulheres jovens. Segundo Kaplan (1974, p.119), mesmo ocorrendo o processo de envelhecimento e que este modifique algumas características anatômico-fisiológicas no ciclo de resposta sexual, a mulher tende a não perder a oportunidade de apresentar o desejo sexual e orgasmos em suas relações sexuais. A autora confirma esta posição, quando comenta que, de um ponto de vista puramente fisiológico, a libido deveria aumentar durante a menopausa, porque a ação dos andrógenos da mulher, que materialmente não é afetado pela menopausa, agora não é combatida pelo estrógeno. Confirmando a definição da autora, Hite (1981, p. 387), em sua pesquisa realizada nos EUA, demonstrava, através de depoimentos de mulheres de idade mais avançada, que a energia libidinal continua presente na vida do ser humano, como por exemplo: “acho que a idade não muda muito o sexo. São as circunstâncias que o determinam. Em anos recentes, tive muito mais prazer sexual com meu marido e com outros.” No entanto, alguns fatores podem interferir no processo do ciclo sexual; entre dentre estão o social e o psicológico.

Dentre os tópicos presentes nas questões acima citadas, estão: o preconceito pelo desejo e a manifestação da sexualidade; a falta de parceiro; dificuldade ou medo de enfrentar novas relações, uma educação rígida em relação à sexualidade e problemas na saúde do parceiro. Diante desses casos, muitas mulheres entram em abstinência secundária, pois quando seus parceiros percebem a existência das modificações em seu desempenho sexual, seja por causa da idade ou pela doença, deixam de exercer sua sexualidade por acharem que estão ficando “impotentes”. Assim, comprova-se a dependência, da sexualidade feminina, dos reforços promovidos pelo homem.

Bancroft (1989) sinaliza outro fator importante na relação a dois, e que, muitas vezes, sua falta prejudica a continuidade dos encontros amorosos, que é a novidade nas relações sexuais, ou seja, a falta de inovação e o tédio são fatores importantes que contribuem para o declínio das atividades sexuais.

Ciclo de resposta sexual em homens na segunda idade/ maturidade

O processo de envelhecimento também atinge o ciclo de resposta sexual na vida do homem. De acordo com Masters e Johnson (1985, p 54), quando o homem no processo do envelhecimento entra na fase da excitação a ereção não ocorre tão facilmente, em comparação a sua idade jovem. Neste caso, muitas vezes, é necessário que a parceira realize mais jogos sexuais para que a ereção ocorra. É importante salientar que esta dificuldade em adquirir rapidamente uma ereção é igual a da demora da lubrificação vaginal quando a mulher atinge uma idade avançada.

Quando o homem passa da fase da excitação para a do platô, ele irá verificar uma modificação em relação ao tempo, ou seja, o homem poderá desfrutar mais das tensões sexuais sem estar preocupado com a emissão ejaculatória. Neste momento, de acordo com Risman (1995, p.57) os parceiros poderão participar de brincadeiras, trocar carícias e explorar o corpo com maior intensidade, ampliando assim o exercício da sexualidade do casal.

Confirmando esta visão positiva da fase do platô no homem maduro, Masters e Johnson (op.cit.) afirmam que o controle da ejaculação dos homens torna se uma grande vantagem na relação sexual. Após este período, o homem passa para a fase do orgasmo, onde deverá verificar a existência de uma diferença na maturidade. O processo ejaculatório, ainda segundo esses

autores, é dividido em dois estágios, que são: a inevitabilidade ejaculatória e a saída do líquido seminal.

Na inevitabilidade ejaculatória, o homem tende a sentir que a ejaculação está para ser realizada e a sensação do não controle. Esta sensação é manifestada pelas contrações da glândula prostática e das vesículas seminais. No segundo momento, o estágio equivale à saída do líquido seminal.

O homem, na maturidade, desenvolve variáveis entre estes dois estágios existentes na fase do orgasmo. No indivíduo de idade avançada, o tempo da experiência orgástica é menor e o primeiro estágio pode não ocorrer no ciclo de resposta sexual. No entanto, se o estágio da inevitabilidade ejaculatória for percebido, este é alterado em relação ao tempo que diminui de dois a quatro segundos para um ou dois segundos.

Alterações também ocorrem na fase da resolução. O tempo refratário, isto é, o período que vai da ejaculação até uma nova ereção torna-se maior. Por vezes, uma nova ereção poderá demorar horas ou até dias, diferentemente do que ocorre com os jovens que necessitam, normalmente, de alguns minutos para terem uma nova ereção.

Diante das mudanças que ocorrem na resposta sexual pelo processo de envelhecimento masculino, pode-se pensar que estes itens fazem parte do início da decadência sexual do homem. No entanto, estas alterações não influenciam as sensações prazerosas de uma relação sexual. Masters e Johnson (1985, pag.123) afirmam que:

“alterações fisiológicas definitivas parecem não subtrair da experiência orgástica do homem na interpretação subjetiva do que usualmente é de extremo prazer sensitivo. O episódio é totalmente aproveitado, independente de o primeiro estado ser significativamente alterado ou mesmo totalmente omitido na experiência. As reduções evidentes na pressão ejaculatória e no volume não alteram a focalização básica do homem sobre o prazer sensitivo da experiência”.

Contudo, a falta de esclarecimento sobre estas alterações fazem com que o homem deixe o exercício da sexualidade, como já foi citado anteriormente. Ainda, segundo Bancroft (1989, p 5), na pesquisa americana de Martin, relata que estes resultados são considerados funcionais para os homens de meia-idade e idade mais avançada, pois a amostra foi composta de homens saudáveis possuindo estabilidade econômica e relações conjugais estáveis.

Demonstra-se, assim, que o exercício da sexualidade, com o passar dos anos, modifica-se por motivos variados, porém esse grupo, por muitas vezes, permanece na exploração das sensações corporais que ainda possam desfrutar.

Diante dos estudos farmacológicos, cirurgias plásticas e de próteses para ambos os sexos a sexualidade tomou um rumo diferenciado, não nas teorias existentes, mas, na atividade sexual e autoestima do casal facilitando em muitos casos o reencontro com a sexualidade deixada de lado por preconceitos sociais e culturais.

Considerações finais

Através das informações oferecidas, até o presente momento, podem-se tirar algumas conclusões importantes para o entendimento sobre a questão da atividade sexual maturidade.

Com as modificações existentes no ciclo de resposta sexual durante o envelhecimento, os papéis na atividade modificam-se entre o homem e a mulher. Quando a mulher inicia a sua experiência sexual, geralmente, o homem com mais experiência ajuda a parceira a conhecer o seu corpo e as sensações que podem ser usufruídas por ele. A excitação e o orgasmo apresentam, muitas vezes, no início, dificuldades a serem vencidas. Estas dificuldades podem estar diretamente relacionadas à educação rígida oferecida pelos pais ou ao parceiro, que não ajuda sua mulher a atingir o orgasmo. Com o passar dos anos e, ao aumentar suas experiências sexuais, a mulher adquire mais confiança e poderá vir a ter maior facilidade em atingir o orgasmo. Esta questão é confirmada por Kaplan (1974, p 76) e Masters e Johnson (1985, p 34), que localizam a maturidade sexual feminina aos 35-40 anos. Esta mesma pesquisa afirma que o pico sexual do homem está na faixa dos 18 anos. Após este período, vai diminuindo gradativamente sua potencialidade, demonstrando assim o possível desencontro existente, em nível de potencialidade sexual, no casal heterossexual.

Este desencontro faz com que os cônjuges mais velhos troquem seus papeis na hora da relação, ou seja, a mulher em vez de ser “ajudada” pelo marido para atingir o orgasmo, neste momento, pelas transformações que ocorrem com o homem, é ela quem ajuda para que a relação se concretize.

Os fatos, no entanto, não são tão simples assim. Infelizmente, muitos homens abandonam o exercício da sexualidade por acharem que estão ficando “impotentes” e por medo de futuras decepções no decorrer das relações. Pela formação machista que tiveram, acreditam que uma

relação sexual depende exclusivamente de uma boa ereção e que o coito é fundamental. Consequentemente, muitas mulheres entram também na abstinência de forma secundária, como foi comprovado em pesquisas citadas.

No entanto, sabemos que no final do século passado modificações realizadas pela indústria farmacêutica empenharam seus esforços em produtos para ereção para manter homens em atividades sexuais e, a medicina estética para que as mulheres pudessem manter reconstruir e assim, continuar com sua autoestima elevada para a continuação de sua atividade sexual com seus parceiros ou novos parceiros.

A indústria das modificações do que eram naturais da sexualidade são importantes para os casos em que o sujeito esteja preparado para ser tratado e bem informado sobre as possibilidades das modificações de seus corpos e de seu funcionamento frente aos seus desejos sexuais.

Acreditamos que a informação deve ser preventiva, não meramente curativa, pois, depois de instalada a disfunção, a situação do sujeito fica mais complicada para uma modificação de conceitos. Se houvesse uma orientação para ambos os sexos sobre as modificações fisiológicas próprias do processo do envelhecimento, ainda numa idade mais jovem, o exercício da sexualidade não seria abandonado, pois haveria uma visão mais ampla sobre o ato sexual e as novas formas e caminhos que podem ser positivos na continuação de sua sexualidade.

Referências

BANCROFT, J. **Human sexuality and its problems**. 2ª ed., NY: Ed. Churchill 1989.

BASSON, R. The female sexual response: a different model. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 26: p.51-65, 2000.

BUTHER, R.; LEWIS, M.I. **Sexo e amor na Terceira Idade**. São Paulo: Ed. Summus, 1985.

CARNEIRO, M. **Sexualidade: o fantasma da Terceira Idade**. Rio de Janeiro: Intercâmbio, 4(10), p. 5-14, 1991.

CePcos. www.cepcos.org.br

FONTES, M.; PIMENTEL, R.; PEREIRA, M. **Mulher 40 graus à sombra: reflexão sobre a vida a partir dos 40 anos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

HITE, S. **O relatório Hite**. Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. 11ª ed. São Paulo: Ed. Difel, 1981.

KAPLAN, H. **A nova terapia do sexo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1983.

KOLODNY, R.; MASTERS, W, JOHNSON, V. **Manual de medicina sexual**. São Paulo: Ed.Manoela Ltda., 1982.

LOPES, E. **A arte de envelhecer**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1961.

MASTERS, W, JOHNSON, V E. **A conduta sexual humana**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1981.

_____. **A inadequação sexual**. Rio de Janeiro: Ed. Roca, 1985.

MELO, A. **Menopausa**: o problema, a solução. Rio de Janeiro: Ed. AFAE, 1981.

RISMAN, A. Atividade sexual na Terceira Idade. In: Renato Veras - **Terceira Idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Ed. RelumeDumará/UERJ: p. 49-64, 1995.

TABORDA, M. A sexualidade da pessoa idosa. In: SESC.DR.SP. **Qualidade de vida da pessoa idosa**. Encontro Nacional de Idosos, São Paulo: SESC/ST/GELM, p.89-94, 1984.

VASCONCELOS, N. **Comportamentos sexuais alternativos do jovem e do velho**. São Paulo: A Terceira Idade, 5 (8):p.47-50, 1994.

VASCONCELOS, M. Sexualidade na Terceira Idade. In: Sociedade de Geriatria e Gerontologia do Rio de Janeiro - **Caminhos do envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, p.77-85, 1994.

WERLANG, B. Velhice feminina e sexualidade. **Psico** 17(1), p.91-100. Porto Alegre, 1989.